

Neste número:

Nota de Apresentação

I. Artigos

La Négation en Linguistique: Quelques Configurations Spécifiques
Maria Henriqueta Costa Campos

A Construção da Referência Deíctica em Português Europeu
Clara Nunes Correia

Interpretation, Semantics and Indexicality
(or How One Thing Led to Another)
João Fonseca

Remarque sur les Actes Illocutoires Searliens:
Force Illocutoire et But Illocutoire
Mafalda Eiró Gomes

Termes-n: Positif, Négatif et Parcours
António Moreno

Adjectivos Resultativos
Susana Gomes Costa Pereira

Donald Davidson on the Logical Form of Action Sentences
Ricardo Santos

Linguística, Filosofia da Linguagem e Operações Cognitivas:
a Propósito da Noção de Presente
Otilia da Costa e Sousa

Alguns Aspectos de uma Análise do Verbo *Existir*
Helena Topa Valentim

II. Informações

*

Publicação apoiada por:



INSTITUTO PORTUGUÊS DO
LIVRO E DAS BIBLIOTECAS



MINISTÉRIO DA CULTURA

FCT

Fundação para a Ciência
e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

CADERNOS DE FILOSOFIA

publicação semestral do
INSTITUTO DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM



FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS

Nº 7 / 2000

Edições Colibri

LINGUÍSTICA, FILOSOFIA DA LINGUAGEM
E OPERAÇÕES COGNITIVAS:
A PROPÓSITO DA NOÇÃO DE PRESENTE

*Otilia da Costa e Sousa**

«O tempo, como o mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa.»

António Vieira, *História do Futuro*, p. 51

O presente trabalho pretende ser uma pequena achega, de um ponto de vista linguístico, a uma das noções mais discutidas em filosofia: a noção de presente. Dado o quadro teórico em que trabalho, a teoria das operações enunciativas, buscarei apontar a invariância, i.e., a operação geral subjacente que autoriza a diversidade dos sentidos da forma *agora*. Ocupar-me-ei de *agora*, deíctico temporal, um marcador de presente e de pre-

* Escola Superior de Educação de Lisboa; Grupo Gramática e Enunciação – FCSH.

sença. *Agora* deriva do latim (*hac+hora*). Para Figueiredo (1939: 84) *agora* enquanto advérbio significa “nesta hora, presentemente”, enquanto conjunção significa “todavia, mas”.

Ao procurar estabelecer um *corpus* para análise em Português, verifiquei que esta forma pode ocorrer com tempos verbais do presente, mas igualmente com os tempos verbais do passado e do futuro e pode co-ocorrer com as várias classes aspectuais:

- (1) A atleta corta agora a meta
- (2) (Trabalhei em hotelaria, trabalhei em educação) agora trabalho em marketing.
- (3) (Bilheteira de uma estação ferroviária, 12h)
A: Comboio para o Porto, por favor.
B: Passou um agora mesmo.
A: E o próximo?
B: Agora vai haver um às 14.
- (4a) Adeus. Agora fico à espera da tua visita
- (5) Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês.

Esquemáticamente, tentarei demonstrar que *agora* pode representar a “espessura” de Husserl, pode marcar a “alteridade” no sentido de Derrida, pode servir de princípio, de ponto de partida como para Aristóteles, e, por vezes, pode ser “half to past and half to come” tal como o presente para Peirce (citado em Rosenthal 1997: 410).

Partirei da hipótese, apresentada em Sousa 1996, de que *agora* introduz um corte (no sentido de Culioli 1980) na classe de instantes dividindo-a em duas sub-classes que se opõem: uma “antes” e uma “depois”. A classe de instantes *t* relaciona-se, em termos de localização, com um domínio nocional (p,p’). As ocorrências de *t* constitutivas da classe possuem uma dupla característica: são não-discerníveis e individuáveis. Nesta classe

é possível operar uma partição que leva à diferenciação das ocorrências da classe (Paillard 1988: 98). *Agora* ao distinguir uma ocorrência de *t* funciona como um marcador de fronteira¹.

Vejamos o exemplo:

- (1) A atleta corta agora a meta

Neste exemplo, *agora* coincide com T_0 (momento da enunciação). Ao co-ocorrer com um verbo pontual e numa sequência discursiva de relato desportivo (presente de reportagem), *agora* participa na construção de uma fronteira sem espessura. *Agora* localiza o evento em relação a T_0 , as características do predicado – presente aorístico – desenham um intervalo fechado, delimitado à direita e à esquerda, compacto, sem adjacência. Este *agora* é um *agora* instantâneo, um *agora* de mudança. Portanto, *agora* marca uma fronteira e o seu atravessamento: ao cortar a meta deixa de haver corrida.

Ao seguirmos um relato desportivo seguimos um conjunto de eventos representados por intervalos fechados, compactos que se sucedem. Os vários *agora* do relato têm a ver com o entendimento de “fluxo temporal” de Derrida: não uma continuidade, mas uma “pseudo-continuidade” de momentos discretos (Rosenthal 1997: 405).

Agora pode representar, também, um tempo com espessura (no sentido de Husserl):

- (2) (Trabalhei em hotelaria, trabalhei em educação) agora trabalho em marketing.

Agora co-ocorre com o verbo *trabalhar* (verbo sem delimitação intrínseca), no presente do indicativo. O presente confirma a natureza não delimitada de *trabalhar*². Ao co-ocorrer

¹ Sobre o conceito de fronteira ver Culioli, 1990: 83-90.

² Como vemos, ao representarmos uma situação através de um intervalo operamos em dois espaços topológicos que interagem: o do domínio temporal sobre o qual se constrói a classe dos *t* e o do domínio nocional sobre

com um predicado não delimitado no presente, *agora* ganha espessura. Neste caso, a classe de instantes referida por *agora* pode ser representada por um intervalo aberto à direita e à esquerda. T_0 é um dos instantes³ desse intervalo homogêneo⁴.

O enunciado poderia ser parafraseado por:

(2') Já trabalho há algum tempo e vou continuar a trabalhar em marketing

Como se verifica, pela paráfrase, poder-se-ia dizer deste *agora* o que Peirce diz do presente: "present is half to past and half to come" (citado em Rosenthal 1997).

Além da "espessura" deste *agora*, é evidente também a sua função contrastiva (Campos 1985: 125), *agora* em oposição ao anterior em que *trabalhei em hotelaria e educação, trabalho em marketing*. *Agora* localiza uma situação pondo-a em contraste com outra que lhe é anterior. A situação presente resulta de uma mudança.

Retome-se o exemplo (3) e veja-se como se comporta *agora* com outros tempos que não o presente:

(3) (Bilheteira de uma estação ferroviária, 12h)

A: Comboio para o Porto, por favor.

B: Passou um agora mesmo.

A: E o próximo?

B: Agora vai haver um às 14.

o qual se constrói a classe das ocorrências p_i, p_j . Na topologia dos dois domínios (instantes e notional) é possível distinguir zonas: interior (I), exterior (E), fronteira (F).

³ Não se pode confundir a representação linguística com a realidade extra-linguística: instante não é em si uma quantidade ínfima de tempo, mas uma construção linguística definida pelo enunciador e necessária a qualquer enunciado (Danon-Boileau 1989: 49).

⁴ Trata-se de uma homogeneização construída. O que se predica não é que p se verifica em cada t , mas que p é verificável em cada t .

Neste enunciado, *agora* co-ocorre com um tempo verbal do passado e outro do futuro. *Agora*, como vimos, opera a partição da classe dos t em duas sub-classes: uma que lhe fica à direita e outra à esquerda. Neste exemplo, o tempo verbal vai localizar a situação no espaço à esquerda (pretérito perfeito simples) ou no espaço à direita (futuro).

Repare-se que *Passou um agora mesmo* pode ser parafraseado por:

(3') Acabou de passar agora⁵...

e que em vez de *agora* seria muito provável que tivéssemos *agorinha mesmo*. Do mesmo modo, podemos ver que *Agora vai haver um às 14* pode ser parafraseado por:

(3'') Em relação a agora só há um às 14h⁶

Estamos perante a função fundamental da linguagem: representar o ausente. Do presente e da presença o enunciador pode representar o que passou e o por vir.

Se, no primeiro exemplo, *agora*, numa função pseudo-performativa, coincidia com T_0 , no segundo exemplo incluía T_0 , neste terceiro exemplo torna "presentes" acontecimentos não presentes. Estamos próximos da resposta de Santo Agostinho sobre tempo. No livro XI das *Confissões*, Santo Agostinho, depois de afirmar que o presente não tem duração e passado e futuro não existem, conclui que estes três tempos existem na mente humana: «Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras.»

Agora significando "a partir deste momento" surge no enunciado (4a):

⁵ Sobre a co-ocorrência de *acabar de e agora* ver Campos (1985: 124).

⁶ Como vemos, a construção de uma adjacência a T_0 é fundamental para que *agora* possa co-ocorrer com tempos que não o presente.

(4a) Adeus. Agora fico à espera da tua visita

Adeus marca o fechamento de uma situação, *agora* serve de localizador à situação *fico à tua espera*, situação não delimitada à direita. A não delimitação da nova situação é confirmada pela natureza homogênea de *ficar à espera* que se combina com o presente do indicativo.

Em

(4b) Agora fiquei baralhada

fiquei baralhada corresponde à entrada num estado: “*baralhado*”. *Agora* marca precisamente a transição entre

(4b') Não baralhado/baralhado

E percebe-se porque não é bom:

(4c) Agora estive baralhado

E porque é bom:

(4d) Até agora estive baralhado

O que é necessário é que haja um qualquer ponto de contacto com T_0 . Em (4b) *fiquei baralhada* corresponde à entrada num estado que engloba T_0 . Em *até agora estive baralhada* prolonga-se o estado *estar baralhada* até T_0 . *Até* constrói um percurso em direcção à fronteira (Campos 1997a) que é marcada por *agora*. O corte realizado por *agora* opõe dois estados:

(4d') baralhada/não baralhada

Em (5) *agora* coincide com T_0 . Pode ser parafraseado por *a partir de agora*. A entrada no mundo do “faz de conta” processa-se a partir do marcador *agora* através de um movimento de translação marcado pelo imperfeito.

(5) Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês

Verifica-se uma projecção do plano enunciativo no plano aorístico, isto é, constrói-se uma instância paralela à situação de enunciação na qual é possível um presente fictivo. A partir de *agora* o enunciador desdobra os mundos possíveis e recria (fic-

ticiamente) o que pode ser ao lado do que é. A escolha do imperfeito marca a vontade de o enunciador pôr em jogo a parte virtual do imperfeito (Mellet 1990: 167) e influenciar assim o seu interlocutor.

Vejam os outros empregos de *agora* em que esta forma não possui função temporal:

(6) Disseram que não se pode levar farnel para a Expo. Agora eu vou levar umas sandes.

(7) C: Já te disse que o João tem má pinta: fuma, bebe, não trabalha.... Agora, se queres continuar a andar com ele, é contigo.

Em (6) *agora* marca um contraste entre <não se poder fazer> e <eu fazer>, introduz uma oposição e poderia ser parafraseado por “mas”, “apesar disso”. Repare-se que esta ocorrência se dá em contexto de interlocução e que “eu” terá uma modulação prosódica importante, marcando essa modulação *eu* em oposição a *outros*. Neste contexto, sobressai a função de marcador de alteridade entre dois sub-conjuntos, neste caso não se trata de dois sub-conjuntos de instantes, mas o interior de um domínio nocional (p) e o seu complementar (p').

Em (7) parece-me que *agora* marca, igualmente, um contraste entre o que eu disse e o que tu decides. Poderia ser parafraseado por:

(7') Apesar do que te disse, se queres continuar a andar com ele....

Como vemos, a partir de um domínio construído (*o João tem má pinta*) é marcada uma oposição. *Agora* marca o atravessamento da fronteira desse domínio. É, precisamente, a posição fora do domínio, posição que coloca o enunciador a “zero”, que permite a construção de caminhos alternativos: andar ou não andar com o João. A forma *se* é marcador da construção de dois “caminhos”: I (andar) E (não andar). O enunciador constrói a

bifurcação e pede ao co-enunciador que escolha ou I ou E (Campos 1997b: 541).

Agora pode surgir como articulador de vários momentos discursivos:

(8) Queria agora falar-vos de um outro problema. A falta de cálcio é

Em (8) *agora* remete para o momento da enunciação e, igualmente, para o presente discursivo, *agora* é o momento em que falo e, igualmente, o passo do discurso⁷ em que me encontro. Como se verifica, *agora*, neste contexto, tem função discursiva – assinala a transição entre as diversas fases do discurso –, e função temporal remetendo sempre para o presente da enunciação. Quer como marcador discursivo, quer como marcador temporal, o valor subjacente é sempre o de marcador de alteridade: o momento em que falo e o momento do discurso, em oposição a outros momentos. O presente do discurso é um presente de mudança, envolvendo um certo sentido de direcção temporal. Repare-se que *agora* seria impossível no início de uma palestra ou de uma aula.

Assim, poderíamos dizer, como (George Herbert) Mead, que a temporalidade é constituída por e constitutiva de a praxis humana, e que a experiência do presente abre para o passado e para o futuro, e envolve um sentido de mudança e de direcção temporal (Rosenthal 1997: 411).

⁷ De acordo com Campos (1985: 120) o momento da enunciação pode ser representado por um ponto abstracto que se desloca ao longo da enunciação como um "cursor" ou por um intervalo semi-aberto de que T_0 é a fronteira de abertura.

Conclusão

As formas linguísticas são representações de representações. Como tentámos demonstrar, a representação de presente pode revestir-se de vários matizes: podemos construir um presente com espessura, um presente sem espessura, um presente com abertura para o passado ou para o futuro...

Como vimos no início, partimos de uma representação mínima: "corte" numa classe de instantes. Ao longo do texto, fomos introduzindo: oposição entre duas classes de instantes, com localização de classes de instantes diferenciados, oposição de um domínio ao seu complementar, marcação de diferentes componentes de um discurso. Esta variabilidade efectua-se por desdobramento de um invariante. As variações são reguladas pela interacção com a situação de enunciação, o co-texto, etc. A variabilidade é autorizada pela noção de corte que permite os desdobramentos de sentidos da forma *agora*.

Agora activa uma representação de distinção entre duas classes de elementos. Quando temporal introduz uma relação de oposição entre duas sub-classes de instantes; quando nocional introduz uma relação de oposição entre um domínio e o seu complementar, marcando uma bifurcação (uma alternativa entre p/p'), a partir do interior do domínio; quando discursivo introduz uma relação de oposição entre fases do mesmo texto.

Como operador temporal pode participar na representação de intervalos delimitados, fechados, compactos, intervalos delimitados, abertos à direita, intervalos fechados à direita, dependendo dos marcadores temporais-aspectuais que com ele co-ocorrem.

Quando se trata de analisar as construções de tempo realizadas linguisticamente temos que ter em conta, por um lado, a localização e, por outro, a estruturação do acontecimento. Por isso, o conceito de classe de instantes introduz um corte epistemológico na concepção de tempo linguístico: evita a confusão entre tempo linguístico e tempo cronológico (confusão que se

insinua na designação de eixo temporal) e remete para a indissociabilidade de tempo e aspecto.

Referências bibliográficas:

- Aristóteles 1974 *La Métaphysique*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin.
- Campos, M. H. C. 1985 «Ambiguidade lexical e representação metalinguística», *Boletim de Filologia*, tomo xxx: 113-131.
- 1997a *Tempo, Aspecto e Modalidade*, Porto, Porto editora.
- 1997b «Sobre a modalidade» in *O Sentido que a Vida Faz*, Porto, Campo das Letras: 539-545.
- Culioli, A. 1980 «Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique» in David, J. & R. Martin eds *La Notion d'Aspect*, Paris, Klincksieck: 181-193
- 1990 – *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, Paris, Ophrys.
- Danon-Boileau, L. 1989 «La détermination du sujet», *Langages* 94: 39-72.
- Figueiredo, C. 1939 *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Bertrand.
- Mellet, S. 1990 «Temps et mode en latin: à propos de l'imparfait», *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* LXXXV 1: 161-171.
- Paillard, D. 1988 «Temps, aspect, types de procès: à propos du présent simple» in *Recherches Nouvelles sur le Langage*, número especial «Cahiers Jussieu, ERA642 (UA 0410289 Universidade de Paris 7: 92-107.
- Rosenthal, S. B. 1997 «Discreteness, continuity, and the fate of time: contemporary perspectives», *International Philosophical Quarterly* vol. XXXVII (4): 403-412.
- Santo Agostinho 1990 *Confissões*, Braga, Livraria Apostolado da Imprensa.
- Sousa, O. C. (1996) «Da força argumentativa de *até agora*: a oralidade no pré-escolar», *Ler Educação* 19/20: 157-168.

ALGUNS ASPECTOS DE UMA ANÁLISE DO VERBO *EXISTIR*

Helena Topa Valentim
Universidade Nova de Lisboa
ht.valentim@fcsb.unl.pt

Adoptando um ponto de vista estritamente linguístico – mas de todo o interesse lógico-filosófico –, a análise que propomos situa-se no interior de um quadro teórico bem específico: a teoria formal enunciativa proposta pelo linguista Antoine Culioli. A atenção que dedicamos ao funcionamento do verbo *existir*, particularmente informada pelo modelo de representação metalinguística referido, permite-nos, primeiro que tudo, identificar as operações enunciativas mediante as quais se constrói e estabiliza a existência linguística, operações essas comuns a outras formas linguísticas, verbais e não verbais, que permitem dar conta do fenómeno de predicção de existência. Vejamos os enunciados que se seguem:

- (1) ? existe um homem
- (2) existe um homem completamente calvo

* Este trabalho foi realizado no âmbito do grupo de Investigação *Gramática e Enunciação* do Centro de Estudos Comparados (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).